

Serenidad. Encantamiento.  
El alma es un parque bajo el lunar.  
Pasa ligera la onda del viento,  
la ilusión queda en su lugar.  
Llega hecho flor el pensamiento,  
como quien viene para soñar.  
Llueve el rocío. Sentimiento.  
Nieblas tenues en el mirar.  
Se caen las horas en caer lento  
como quien no nos quiere dejar.  
Éxtasis. Vísperas. Adviento.  
¡Oye! El silencio quiere hablar.  
Pero no habló... Se fue el momento...  
Y no me canso de esperar.

Henriqueta Lisboa 1904-1985, Serenidad

Eres tú. Has de ser tú. Te recuerdo. Y perdono  
todo lo que negaste, el desatino  
del doloroso espanto te condono,  
con perdón espontáneo y repentino.

Tengo nostalgia de tus manos, como  
de yeso, con blancor pálido y fino;  
antes suaves, luego, con tu encono,  
duras y rudas como mi destino.

Tengo nostalgia de tu impulso ardiente;  
quisiera percibir, puesto de hinojos,  
sobre mi tu fulgor treme luciente.

¡Que anhelantes deseos alimento!  
Ser imagen al fondo de tus ojos,  
sombra y caricia de tu pensamiento.

Oliveira e Silva 1897-, La dulce aspiración

Veio passar a los enamorados  
en la penumbra del atardecer,  
y percibo unos viejos que, abrazados,  
comienzan de repente a entristecer...

Y en actitud de los Transfigurados,  
los ojos vueltos a su propio ser,  
se queden mudos, inmovilizados,  
llorando muchas veces sin querer...

Al verlos, casi extáticos, juntos,  
perdido allá a lo lejos su mirar,  
con amor pienso en otros viejecitos:

en los que van errantes, sin hogar,  
y que vivieron siempre tan solitarios  
que nada tienen para recordar.

Cleómenes Campos, Desde mi ventana

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIV, Nº 04 – 2010, ABRIL  
Assinatura até 31.12.10: 8 selos postais de 1º Porte Nacional  
Não-comercial (R\$ 0,70) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.  
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!  
www.haiku.sf.nom.br

Pasé de largo por Rota. Rota de mis alegrías.  
Pasé como sobre brasas. Rota.  
Que linda piña de casas. Ay, Rota de mis penas.

Pasé de largo.

Gerardo Diego 1896-1987, Rota,  
Versos Escogidos, 1970  
Editorial Gredos, S.A., Madrid

Um ano vai e outro vem.  
Passa tão rapidamente,  
que eu me dou conta também  
que é igual a vida da gente...  
Analice Feitoza de Lima, 1001  
Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º  
01501-030 – São Paulo, SP

Vou deitar na minha rede  
me embalar feito crianças  
batendo o pé na parede  
no vai e vem das lembranças.  
Hortência Pessoa, 1001  
Binóculo  
ivonildodias@secrel.com.br

Para saber da riqueza  
que possui o cidadão,  
basta ver a profundidade  
do bolso do seu cuecão.  
Lacy José Raymundi, 0911  
Trinos do Pitiguari, R.Guanabara 542  
59014-180 – Natal, RN

Bom dia à chuva que cai  
pra nossa terra molhar  
o meu bom dia pra tudo  
que desta terra brotar!  
Madalena Castro, 1003 Aconte-  
cências: R. Manoel F. Albuquerque, 457  
53427-270 – Paulista, PE

Quem ama parece louco,  
leva uma vida enganosa;  
é como eu, que ainda há pouco  
disse "bom dia" a uma rosa!  
Martins Fontes, 1003  
Trovia  
alu@mgalink.com.br

Quando criança bastava,  
para fazer-me feliz,  
o anelzinho que chegava  
junto da bala de aniz!  
Renata Paccola, 0804  
Trovalegre: Caixa Postal 181  
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Eu velhinho, ela velhinha,  
você dormiu despreocupado...  
Não tenho mais, de noite,  
que dar conta do recado!  
Antônio da Serra

Longe de ti, meu amor,  
morro de tédio e de mágoa,  
bem como morre uma flor  
posta num vaso sem água.  
Antônio Sales

Já não sei o que fazer  
da minha pena estovada:  
de tanto um nome escrever,  
não sabe escrever mais nada.  
Genaro Rodrigues

Diz ao mordomo alinhado,  
a patroa... distraída:  
– O patrão paga o ordenado,  
eu dou a cama e... comida...  
Izo Goldman

Quando um velho e uma criança  
encontro, logo me invade  
esta idéia: uma esperança  
dando a mão a uma saudade.  
Oscar Batista

Por que teu perfil risonho  
vive a tentar-me o desejo?  
Desperto, vejo-te em sonho;  
dormindo, em sonho te vejo.  
Rodrigo Júnior

Trovia, Ano 10, número 115, julho 2009, Coordenador Antônio Augusto de Assis – alu@mgalink.com.br

## QUIDAIAS DE OUTONO



Parreiral sem fim.  
Na minha mão, um copo  
de suco de uva.  
Djalda Winter Santos

Sol de veranico –  
passeio descontraído  
ao entardecer.  
Iraí Verdan

Torrado do amendoim,  
moído e adoçado.  
Paçoca pronta.  
Manoel F. Menendez

Um ovo de Páscoa,  
embrulhado de vermelho,  
enfeitado a mesa.  
Mª Marlene N. T. Pinto

Lentamente os carros  
seguem pela estrada afóra.  
Nevoaça espessa.  
Regina Célia de Andrade

No Dia da Sogra,  
genro prepara o jantar  
e compra chaminé.  
Renata Paccola

Silêncio nas ruas.  
Comércio e indústria fechados.  
Dia do Trabalho.  
Roberto Resende Vilela

## HAICUS E M FOLHA



A estrela cadente,  
num rastro de fogo e luz,  
veloz, risca o espaço. H  
Amália Marie Gerda  
De repente um brilho!  
Riscando o espaço sem fim  
estrela cadente. H  
Analice Feitoza de Lima  
Num pomar alheio,  
passarinhos beliscando  
maduros caquis. N  
Analice Feitoza de Lima  
Enorme algazarra.  
Despreocupadamente  
um bando de araras. N  
Analice Feitoza de Lima

Escorre da boca,  
vai tingindo o guardanapo,  
suco do caqui. C  
Angelica Villela Santos  
Um galho enfeitado.  
Penas vermelhas e azuis:  
araras pousadas. C  
Angelica Villela Santos  
Parece um corisco,  
no azul escuro do céu.  
Estrela cadente.  
Angelica Villela Santos  
Criança feliz,  
encontrou no zoológico  
uma pena de arara. N  
Argemira F. Marcondes

Menino choroso,  
lavando a boca na bica.  
Provou caqui verde. N  
Argemira F. Marcondes  
Tal qual um relâmpago,  
num momento corta o céu,  
a estrela cadente. N  
Argemira F. Marcondes  
Bocas lambuzadas  
devoram caquis maduros.  
Farra no pomar. A  
Darly O. Barros  
Estrela cadente,  
mais veloz que o pensamento,  
mergulha no breu. H  
Darly O. Barros

Cores esvoaçam  
por um céu monocromático:  
araras em bando. N  
Darly O. Barros  
No galho um caqui  
esquecido na colheita  
– pássaro bicando. E  
Denise Cataldi  
Céu estrelado  
noite limpa de verão  
estrela cadente. H  
Denise Cataldi  
Uma arara voando  
grita, chamando  
a companheira. N  
Denise Cataldi

Araras lá vão  
singrando em ruidoso bando  
verde imensidão. N  
Fernando L. A. Soares  
Em rubro caqui  
o infante testemunhando  
um sabor "daqui". N  
Fernando L. A. Soares  
Em pleno cerrado  
voos rasantes de araras  
assustam turistas. E  
Flávio Ferreira da Silva  
Multicolorida  
esvoaçando pelo espaço.  
Portentosa arara. N  
Flávio Ferreira da Silva

Noite de lua.  
No Alto da Cruz,  
estrela cadente. N  
Iracema Gomes  
Sons ao longe  
duas araras  
cruzam o céu. E  
Larissa Lacerda Menendez  
Ao entardecer  
casal de araras  
cruza o céu. N  
Larissa Lacerda Menendez  
Guardanapo sujo  
mãos lambuzadas  
caqui maduro. N  
Larissa Lacerda Menendez

Riscos seguidos  
na noite escura.  
Estrelas cadentes. H  
Manoel F. Menendez  
Toda lambuzada,  
a criança sorri.  
Caqui nas mãos. N  
Manoel F. Menendez  
Araras azuis  
no viveiro do zoológico  
encantam turistas. B  
Renata Paccola  
Um jovem casal,  
ao ver a estrela cadente,  
pede amor eterno. H  
Renata Paccola

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

## SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.04.10, enviar até 3 haicus de quigos: Benjoeiro em flor, Coruja, Dia do Motorista.  
Até o dia 30.05.10, enviar até 3 haicus de quigos: Baquerubu, Dia do Estudante, Minuano.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82  
05010-040 - São Paulo, SP  
ou mfmendez@superig.com.br

## V E Z P R I M E I R A

Olgam Amorim, Clássicos Contemporâneos, Real Academia de Letras 2009; Mário Pacheco Scherer – Editora; gentileza de Amália Marie Gerda Bornheim

Após o telefonema, pronta para sair, alças da bolsa no ombro, abro, fecho a porta, aguardo o elevador. Enfim, térreo. Atravesso o saguão, cumprimento o porteiro.

Atravesso o jardim, portão entreaberto, chego à calçada. Sábado, trânsito atenuado.

Sinal verde. Carros velozes ganham a avenida ou continuam em direção perpendicular.

Aguardo o instante de atravessar a rua, esperar um táxi junto ao meio-fio. Demora.

Enfim, surge um dobrando a esquina. Faço um sinal, instantes após, o alívio.

Cumprimento o motorista, um senhor baixinho. Parece, saíu do barbeiro agorinha.

Pela tonalidade dos cabelos lisos aparados à máquina, já passou dos cinquenta anos. Pouca

estatura, cearense, talvez.

– Por favor, siga em frente até a Rua Frei Caneca. Entre à esquerda na Mathias Aires. Depois, à direita na Bela Cintra até o fim. Sentido único na Dona Antonia de Queirós. Vamos subir a avenida, pela direita. Sinalizar. Na próxima quadra está o cemitério. Entraremos pelo portão menor, ao lado da entrada principal.

– Mas, pode entrar carro no cemitério? – Conduzindo idoso, pode.

Certo. Início da alameda entre as árvores das alas elevadas, paralelas.

Então, o taxista, em voz trêmula, exclama: – Ai, meu Deus do céu! Nunca, em toda a minha vida, entrei no cemitério!

Surpresa, afirmo que não há nada a temer;

peço calma.  
O carro continua em marcha lenta. Pouco adiante, nova lamúria:  
– Ai, meu Deus do céu! A capela do cemitério!  
– Não há nada demais. O perigo está do portão para fora. Por favor, faça o contorno. Após a primeira rua à direita, pode estacionar.  
Estamos na praça, atrás da capela circular. Preso no alto, o sino de bronze, a corda grossa, nó na extremidade. Ainda no táxi, novo lamento em voz alta:  
– Ai, meu Deus do céu! O sino do cemitério!  
Desembarco, contorno o táxi por trás. Ele já está afastado, distante do carro, a porta dianteira aberta. Muito sério, olhar fixo. Percebo que o receio é comigo. Vou tentar.  
– Será que o senhor se dispõe em dar duas badaladas no sino? Eu não tenho físico para tanto.  
– E por que tem que dar duas badaladas no sino?  
– Para avisar a pessoa que cuida da conservação do jazigo de minha família.  
Conforme ajuste por telefone.  
Ele se adianta, segura firme na corda, e blem-blem. Duas sonoras badaladas!  
– Quanto lhe devo?  
Com a mão esquerda na direção, o joelho direito no assento, espia o taxímetro.  
Retiro a cédula da bolsa, estendo-a, com um agradecimento e, está tudo certo.

Motor ligado. Antes de fazer a curva, abaixo o vidro, braço apoiado, pergunta:  
– Que cemitério é esse?  
– O mais antigo da cidade.  
– Nunca ouvi falar!

Em casa, estive a imaginar o patriarca narrando à família reunida como aconteceu perder o medo de entrar no cemitério, e tudo o mais.

Estou farto do lirismo comedido do lirismo bem comportado do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo abaixo os puristas

todas as palavras sobretudo os barbarismos universais todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

estou farto do lirismo namorador político raquítico sifilítico

de todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo será contabilidade tabela de cossenos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos o lirismo dos bêbedos o lirismo difícil e pungente dos bêbedos o lirismo dos clowns de Shakespeare  
– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Manuel Bandeira, Poética

Mercado do peixe, mercado da aurora: cantigas, apelos, preções e risadas à proa dos barcos que chegam de fora. Cordames e redes dormindo no fundo; à popa estendidas, as velas molhadas; foi noite de chuva nos mares do mundo.

Pureza do largo, pureza da aurora. Há viscosos de sangue no solo da feira. Se eu visse um barco, partiria agora.

O longe que aspiro no vento salgado tem gosto de um corpo que cintila e cheira para mim sozinho, num mar ignorado.

Ribeiro Couto, Cais matutino

Vês! Ninguém assistiu ao formidável enterro de tua última quimera.

Somente a Ingratidão – essa pantera – foi tua companheira inseparável!

Acostuma-se à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, mora, entre feras, sente inevitável necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, a mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a alguém causa inda pena a tua chaga, apedreja essa mão vil que te afaga, escarra nessa boca que te beija!

Augusto dos Anjos, Versos íntimos

a descoberta

Seguimos nosso caminho por este mar de longo até a oitava da Páscoa

topamos aves e ouvemos vista de terra  
*os selvagens*  
Mostraram-lhes uma galinha quase haviam medo dela e não queriam pôr a mão e depois a tomaram como espantados

*primeiro chá*  
Depois de dançarem Diogo Dias fez o salto real  
*as meninas da gare*

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis com cabelos mui pretos pelas espáduas e suas vergonhas tão altas e tão saradinhas que de nós as muito bem olharmos não tínhamos nenhuma vergonha.

Oswald de Andrade, Pero Vaz Caminha

Alguns anos vivi em Itabira. Principalmente nasci em Itabira. Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro. Noventa por cento de ferro nas calçadas. Oitenta por cento de ferro nas almas. E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho, vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o habito de sofrer, que tanto me diverte, é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço: este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval; esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil; este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas; este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.

Hoje sou funcionário público Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!

Carlos Drummond de Andrade, Confidência do itabirano

Quando eu morrer quero ficar, não contem aos meus inimigos, sepultado em minha cidade, saudade.

Meus pés enterrem na rua Aturora, no Paissandu deixem meu sexo, na Lopes Chaves a cabeça esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem o meu coração paulistano: um coração vivo e um defunto bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido direito, o esquerdo nos Telégrafos, quero saber da vida alheia, sereia.

O nariz guardem nos rosais, a língua no alto do Ipiranga para cantar a liberdade. Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá assistirão ao que há de vir, o joelho na Universidade, saudade...

As mãos atirem por aí, que desvivam como viveram, as tripas atirem pro Diabo, que o espírito será de Deus. Adeus.

Mário de Andrade, "Quando eu morrer quero ficar"

E agora, José?  
A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José? e agora, você? você que é sem nome, que zomba dos outros, você que faz versos, que ama, protesta? e agora, José?

Está sem mulher, está sem discurso, está sem carinho, já não pode beber, já não pode fumar, cuspir já não pode, a noite esfriou, o dia não veio, o bonde não veio, o riso não veio, não veio a utopia e tudo acabou e tudo fugiu e tudo mofou, e agora, José?

E agora, José? sua doce palavra, seu instante de febre, sua gula e jejum, sua biblioteca, sua lavra de ouro, seu terno de vidro, sua incoerência, seu ódio – e agora?

Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta; quer morrer no mar, mas o mar secou; quer ir para Minas, Minas não há mais. José, e agora?

Se você gritasse, se você gemesse, se você tocasse a valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse, se você morresse... Mas você não morre, você é duro, José!

Sozinho no escuro qual bicho do mato, sem teogonia, sem parede nua para se encostar, sem cavalo preto que fuja a galope, você marcha, José! José, para onde?

Carlos Drummond de Andrade, José

Não sou um tempo ou uma cidade extinta. Civilizei a língua e foi reposta em cada verso. E à fome, condenaram-me os perversos e alguns dos poderosos. Amei a pátria injustamente cega, como eu, num dos olhos. E não pôde

ver-me enquanto vivo. Regressarei a ela com os ossos de meu sonho precavido? E o idioma não passa de um poema salvo da espuma e igual a mim, bebido pelo sol de um país que me desterra. E agora me ergue no Convento dos Jerônimos o túmulo, quando não morri. Não morrerei, não quero mais morrer. Nem sou cativo ou mendigo de uma pátria. Mas da língua que me conhece e espera. E a razão que não me dais, eu crio. Jamais pensei ser pai de tantos filhos.

Carlos Nejar, Luiz Vaz de Camões

A vastidão desses campos. A alta muralha das serras. As lavras inchadas de ouro. Os diamantes entre as pedras. Negros, índios e mulatos. Almocafres e gamelas. Os rios todos virados. Toda revirada, a terra. Capitães, governadores, padres, intendentes, poetas. Carros, liteiras douradas, cavalos de crina aberta. A água a transbordar das fontes. Altares cheios de velas. Cavalhadas. Luminárias. Sinos. Procissões. Promessas. Anjos e santos nascendo em mãos de gangrena e lepra. Finas músicas brolando as alfaías das capelas. Todos os sonhos barrocos deslizano pelas pedras. Pátios de seixos. Escadas. Boticas. Pontes. Conversas. Gente que chega e que passa. E as idéias.

Amplas casas. Longos muros. Vida de sombras inquietas. Pelos cantos das alcovas, histerias de donzelas. Lamparinas, oratórios, bálsamos, pílulas, rezas. Orgulhosos sobrenomes. Intricada parentela. No batuque de mulatas, a prosápia degenera: pelas portas dos fidalgos, na lá das noites secretas, meninos recém-nascidos como mendigos esperam. Bastardias. Desavenças. Emboscadas pela treva. Sesmarias. Salteadores. Emarnhadas invejas. O clero. A nobreza. O povo. E as idéias.

E as mobílias de cabiúna. E as cortinas amarelas. D. José. D. Maria. Fogos, Mascaradas. Festas. Nascimentos. Batizados. Palavras que se interpretam nos discursos, nas saúdes...

Visitas. Sermões de exéquias. Os estudantes que partem. Os doutores que regressam. (Em redor das grandes luzes, há sempre sombras perversas. Sinistros corvos espreitam pelas douradas janelas.) E há mocidade! E há prestígio. E as idéias.

As esposas preguiçosas na rede embalando as sestas. Negras de peitos robustos que os claros meninos cevam. Arapongas, papagaios, passarinhos da floresta. Essa lassidão do tempo entre embaúbas, quaresmas, cana, milho, bananeiras e a brisa que o riacho encrespa. Os rumores familiares que a lenta vida atravessam: elefantíases; partos; sama; torceduras; quedas; seções; picadas de cobras; sarampos e erisipelas... Candombeiros. Feiticeiros. Ungentos. Emplastos. Ervas. Senzalas. Tronco. Chibata. Congos. Angolas. Benguelas. Ó imenso tumulto humano! E as idéias.

Banquetes. Gamão. Notícias. Livros. Gazetas. Querelas. Alvarás. Decretos. Cartas. A Europa a ferver em guerras. Portugal todo de luto: triste Rainha o governa! Ouro! Ouro! Pedem mais ouro! E sugestões indiscretas: tão longe o trono se encontra! Quem no Brasil o tivera! Ah, se D. José II põe a coroa na testa! Uns poucos de americanos, por umas praias desertas, já libertaram seu povo da prepotente Inglaterra! Washington, Jefferson, Franklin. (Palpita a noite, repleta de fantasmas, de presságios...) E as idéias.

Doces invenções da Arcádia! Delicada primavera: pastoras, sonetos, liras, – entre as ameaças austeras de mais impostos e taxas que uns protelam e outros negam. Casamentos impossíveis. Calúnias. Sátiras. Essa paixão da mediocridade que na sombra se exaspera. E os versos de asas douradas, que amor trazem e amor levam... Anarda. Nise. Marília... As verdades e as quimeras. Outras leis, outras pessoas. Novo mundo que começa. Nova raça. Outro destino. Plano de melhores eras. E os inimigos atentos, que, de olhos sinistros, velam. E os alevés. E as denúncias. E as idéias.

Cecília Meireles, Romance XXI ou Das idéias (do Romanceiro da Inconfidência)